
De “Viver a Vida” a “Cheias de Charme”: um estudo sobre como Taís Araújo superou o racismo com suas protagonistas¹

Francisco Ewerton Aleixo da SILVA²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

O artigo aborda a discrepância na aceitação do público entre as personagens Helena e Penha, ambas interpretadas pela atriz Taís Araújo nas novelas *Viver a Vida* e *Cheias de Charme*, respectivamente. Com o objetivo de mostrar que o racismo estrutural e o machismo presente no Brasil influenciaram na aceitação ou não delas, faremos um levantamento do comportamento da audiência. Para tanto, utilizaremos a metodologia de Análise de Imagens em Movimento, proposta por Diana Rose (2002) para apreciação de imagens que compõem as referidas obras presentes no Portal Memória Globo, além de informações e características das personagens. Foi realizada uma revisão bibliográfica com os autores Araújo (2006), Araújo (2008), Almeida (2019), Akotirene (2019), Carneiro (2011), Sodré (2014), entre outros, para discutir os conceitos de televisão, interseccionalidade, telenovelas, machismo e racismo estrutural.

PALAVRAS-CHAVE: protagonismo negro; telenovela; racismo; televisão.

Introdução

A atriz Taís Araújo tem uma carreira consolidada e traz consigo uma carga de experiência que a faz ser bastante reconhecida no Brasil. Entretanto, tudo mudou quando ela foi convidada pelo autor de novelas Manoel Carlos a estrear uma de suas Helenas na telenovela *Viver A Vida* em 2009. A personagem que carrega esse nome já tinha um perfil próprio escolhido pelo novelista, que geralmente eram mulheres de meia idade, donas de casa e com filho, já com a Helena de Taís Araújo foi diferente. A personagem tinha trinta anos de idade, era independente, modelo de carreira internacional e negra, fato importante a ser lembrado, pois antes dela nenhuma outra Helena foi interpretada por uma atriz preta. A medida em que a obra era exibida, a atriz sofreu duras críticas por sua interpretação e com o fim da trama achou que sua carreira havia acabado, ainda que a culpa pelo fracasso dessa Helena não tenha sido dela, Taís Araújo se culpou por anos.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Ficção Televisiva Seriada, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e-mail: chicoewerton22@gmail.com.

Diante do racismo que ainda é presente no Brasil, o público não aceitou sua personagem, pois não estavam prontas para ver uma mulher negra e independente, o que afetou diretamente a atriz, culminando no afastamento dela por dois anos da televisão. Em entrevista para o GShow³, Taís Araújo fala que sofreu muito com sua Helena, mas que foi a personagem que transformou a sua vida.

No entanto, em 2012 quando iniciou mais um trabalho na Rede Globo em *Cheias de Charme*, sua vida mudou novamente e seu papel na trama foi um sucesso. A personagem Penha era uma mulher humilde e moradora de uma comunidade situada na cidade do Rio de Janeiro. Começou a fazer sucesso como cantora, ficou rica e ainda assim permaneceu se mantendo uma pessoa que não mantinha uma vida de luxo, o que pode ter contribuído para que os telespectadores conseguissem enxergar uma simplicidade na personalidade dela.

Diante disso, este trabalho procura analisar as personagens da atriz Taís Araújo, que deu vida a primeira Helena negra do novelista Manoel Carlos em *Viver A Vida* (Rede Globo, 2009) e Maria da Penha, seu personagem na obra *Cheias de Charme* (Filipe Miguez e Izabel de Oliveira, Rede Globo, 2012) e mostrar que mesmo diante das mudanças em relação a inserção de pessoas negras como protagonistas na teledramaturgia nacional, ainda há muito a se fazer para que os artistas negros consigam o reconhecimento necessário para atuar na frente e por trás da câmeras.

É fato de que nos últimos anos houveram debates que destacaram a falta de representatividade do negro nas tramas brasileiras, e, com isso, foram introduzidos mais personagens negros na televisão, inclusive em papéis de protagonismo e, para além disso, eles não estavam atuando como pessoas escravizadas, tampouco em papéis de subserviência. Dessa forma, é correto afirmarmos:

Este debate a respeito da telenovela tem grande importância porque transcende de uma situação reivindicatória de ocupação do espaço para a discussão sobre como ocupar este espaço. É fato que a pressão do movimento contra o racismo e o próprio reconhecimento das instituições da existência do racismo contribuiu para que a quase invisibilidade do negro na mídia fosse reduzida. (OLIVEIRA E PAVAN, 2004, p.5)

³ Taís Araújo admite que que 'sofreu muito' ao viver Helena de Manoel Carlos. Disponível em: <https://gshow.globo.com/realities/the-masked-singer-brasil/2023/noticia/tais-araujo-admite-que-sofreu-muito-ao-viver-helena-de-manoel-carlos-e-expoe-reflexao-veja-video.ghtml>. Acesso em: 13. jul. 2023.

Diante da afirmação dos autores supracitados, pouco foi feito para que pessoas pretas ocupasse espaço dentro do âmbito audiovisual, ainda mais em se tratando de telenovelas. É notório que por muitos anos só restavam aos artistas negros papéis de empregados de pessoas brancas, que serviam apenas como ponte para outras cenas, sem nenhum tipo de trama, sem história, sem começo, tampouco um final digno.

Para a realização desse trabalho, faz-se necessário utilizarmos como metodologia a Análise de Imagens em Movimento (ROSE, 2002). Através desse método de pesquisa em que a autora utilizou, ela parte da premissa da pesquisa qualitativa com produtos audiovisuais ficcionais. Aplicando ao *corpus* desta pesquisa, Diana Rose a usou para analisar doenças mentais na TV britânica em programas de ficção.

Para além do modelo de Rose (2002), será utilizado o Portal Memória Globo, identificando as obras já mencionadas que serão a base desse trabalho, sendo possível identificar personagens, fotos, vídeos e curiosidades sobre as tramas. Além disso, será realizada uma revisão bibliográfica a partir dos autores como Araújo (2006), Araújo (2008), Almeida (2019), Oliveira e Pavan (2004), Fulgêncio (2017), Sodré (2014), Carneiro (2011), Akotirene (2019), Malta e Oliveira (2020) e Domingues (2020) que trazem uma discussão acerca de telenovelas e racismo, contribuindo para um maior resultado dessa pesquisa e críticos especializados nas colunas de entretenimento do GShow, Estadão e Uol.

O seguinte tópico apresentará a comparação das personagens a fim de discutir a interpretação por meio das análises os resultados obtidos. As transcrições das cenas e a sinopse das obras abordadas não serão inseridas no artigo de modo que deixaria a pesquisa ainda mais extensa. Para compor o motivo dessa pesquisa, realizamos a comparação analisando fotos e cenas específicas.

Penha e Helena: tão diferentes e tão iguais

Taís Araújo foi a primeira mulher negra a interpretar uma protagonista nas tramas globais. A atriz foi a única a se manter nesse espaço ainda considerado restrito a pessoas pretas, e ao longo de três anos Penha e Helena foram apresentadas ao público. Mas o que torna essas personagens tão diferentes e ao mesmo tempo tão iguais?

Para falarmos a respeito das obras que compõem a análise desse trabalho, precisamos voltar a outras que foram estreladas ou tiveram participação da atriz. Para um

negro chegar ao patamar de protagonista na Rede Globo, que desde os anos 1970 já garantia a liderança das telenovelas brasileiras, levou-se mais de trinta anos. Entretanto, qual o espaço dado a artista negros desde essa época? O que se viu na televisão durante muitos anos nas tramas nacionais foram papéis de pessoas escravizadas, empregados e marginalizados, além do fato da mulher negra ter seu corpo hiperssexualizado em muitas obras. Para Domingues (2020, p. 199) “As telenovelas exploram atributos como: sensualidade, corpo curvilíneo e seminu e domínio de ritmos dançantes, como o samba.”

De fato, muitas obras hiperssexualizam corpos negros em telenovelas, por isso se faz preciso a discussão de raça e gênero a partir da interccionalidade. Mesmo diante das dificuldades vividas pelas personagens em suas tramas, elas carregavam em si os obstáculos do que é ser uma mulher preta numa sociedade racista e extremamente machista. O que está sendo abordado aqui é o fato da aceitação de um público por uma protagonista e a rejeição de outra, e que esses preconceitos podem estar interligados e afetando diretamente a atriz que as interpreta. Por isso, afirmamos:

A interseccionalidade é sobre a identidade da qual participa o racismo interceptado por outras estruturas. Trata-se de experiência racializada, de modo a requerer sairmos das caixinhas particulares que obstaculizam as lutas de modo global e vão servir às diretrizes heterogêneas do Ocidente, dando lugar à solidão política da mulher negra, pois que são grupos marcados pela sobreposição dinâmica identitária. É imprescindível, insisto, utilizar analiticamente todos os sentidos para compreendermos as mulheres negras e “mulheres de cor” na diversidade de gênero, sexualidade, classe, geografias corporificadas e marcações subjetivas. (AKOTIRENE, 2019, p. 29)

Taís Araújo conseguiu ser a primeira protagonista negra numa novela das 19h intitulada *Da Cor do Pecado* (João Emanuel Carneiro, 2004). O título da trama por si só já traz uma problemática que não será abordada nessa pesquisa, mas que de um modo geral também é de cunho racista. A obra foi de grande sucesso e firmou a atriz como uma das grandes promessas da emissora. Com o fim da trama, Taís Araújo ainda atuou em *Cobras e Lagartos* (João Emanuel Carneiro, 2007) e em *A Favorita* (João Emanuel Carneiro, 2008), ambas com papéis de destaque.

Logo após a última obra, ela foi convidada por Manoel Carlos para trabalhar em *Viver a Vida*, onde daria vida a uma das Helenas, nome que o novelista costumava dar às suas protagonistas. Cheia de expectativas, a atriz aceitou e a novela chegou ao ar em 14 de setembro de 2009 e finalizou em 14 de maio de 2010. Com 2009 capítulos, Taís Araújo

teve que encarar duras críticas a sua atuação, ficando abalada e pensando que sua carreira havia chegado ao fim⁴. A atriz se resguardou e carregou uma culpa que não tinha, saindo da televisão por dois anos, só retornando em 2012 com *Cheias de Charme*, exibida entre 16 de abril a 28 de setembro de 2012, somando 143 capítulos. A elegância de Helena nada tinha a ver com o desalinho de Penha. A obra trazia três protagonistas, sendo duas brancas e uma negra. As três tinham como vida profissional o mesmo ofício, eram empregadas domésticas, no entanto só a personagem preta falava gírias e costumava errar no português ao dialogar com os demais personagens. Apesar das dificuldades do cotidiano, Penha tinha a persistência em ser feliz e garantir o sustento da sua família. Assim como a personagem, a obra foi um sucesso de audiência e garantiu o retorno de Taís Araújo para as telinhas, se dizendo feliz com a sua Penha⁵.

Abaixo segue a caracterização da atriz para os seus papéis em *Viver a Vida* (2009) e *Cheias de Charme* (2012).



Figura 1: caracterização de Helena em *Viver a Vida*
Foto: Reprodução/TV Globo

⁴ Taís Araújo relembra dificuldades com protagonismo em 'Viver a Vida': 'Fui terrível comigo'. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/gente/tais-araujo-relembra-dificuldades-com-protagonismo-em-viver-a-vida-fui-terrivel-comigo>. Acesso em: 21 jul. 2023.

⁵ Taís Araújo: 'Sou suburbana e admiro a cultura da periferia. Fui feliz com a Penha'. Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/cheias-de-charme/Fique-por-dentro/noticia/2012/09/tais-araujo-sou-suburbana-e-admiro-a-cultura-da-periferia-fui-feliz-com-a-penha.html>. Acesso em: 21 jul. 2023.



Figura 2: caracterização de Penha em *Cheias de Charme*
Foto: Reprodução/TV Globo

Percebemos a discrepância nas personagens, partindo das suas vestimentas, posturas e adereços. Helena está fazendo uma pose em que põe suas mãos na cintura, utiliza seu cabelo maior e natural, com uma roupa em tom único, poucos enfeites, apenas com um colar. Já Penha usa um cabelo mais curto com um lenço, uma roupa justa com uma blusa decotada colorida e calça *jeans*, brincos de argola, pulseira no pulso direito, relógio no esquerdo, cinto grande e um colar.

No que se refere a personalidade das personagens, a diferença de ambas também é extrema. Apesar da independência que tinha e de ter conquistado tudo com seu esforço, Helena muitas vezes foi silenciada, julgada por outros personagens, ficou totalmente opaca diante do que se passava na trama, o que diminuiu ainda mais o seu destaque como protagonista. Ao contrário de Penha que diante das dificuldades que encontrava na vida, enfrentou seus adversários, tinha personalidade forte e não se calava diante das injustiças que sofria.

O fato é que para uma mulher conseguir um papel de destaque em uma novela cujo traz grandes sucessos em seu horário já é difícil, ser a primeira atriz negra estando naquela posição se tornou ainda mais complexo para a atriz, pois além de levar para si a responsabilidade de ser a primeira Helena negra de Manoel Carlos, era a primeira

protagonista estando naquela posição em exibição no horário nobre. Mesmo com as dificuldades que faziam a Helena de Taís Araújo permear durante os meses em que esteve no ar, há de se levar em consideração o fato de a maioria dos atores negros em cena em *Viver a Vida* não estarem em papéis de invisibilidade e/ou subalternidade. Por isso, é correto afirmar:

No cinema e na telenovela, o melhor lugar reservado para o mestiço, celebrado na literatura ou nos discursos como representante do verdadeiro brasileiro, é a representação do “povão”. Os atores marcadamente mestiços, independente da fusão racial a que pertencem, se trazem em seus corpos e em suas faces uma maior quantidade de traços não-brancos, são sempre vítimas de estereótipos negativos (ARAÚJO, 2006, p. 77).

Diante o que foi apresentado através dos perfis das personagens de classes sociais tão distintas, qual a semelhança entre Helena e Penha? O machismo presente na sociedade sempre fez com que as mulheres fossem menosprezadas e inferiorizadas, e quando perceberam que elas poderiam ser independentes social e financeiramente, tentaram a todo custo discriminá-la. No caso de Helena, abdicou da carreira de modelo internacional em prol do marido e de um casamento que não deu certo. Já Penha ao ser assediada pelo patrão pediu demissão da casa onde trabalhava para não ter maiores problemas com uma patroa que ela considerava ser uma das melhores que já teve.

Sabemos que a telenovela nacional é um produto audiovisual presente nos lares de todos os brasileiros. Mesmo com o avanço das plataformas de *streaming*, que já é uma realidade permanente no Brasil, essas obras se fazem presentes há mais de cinquenta anos. A Rede Globo, que mantém uma tradição com três faixas de horários voltadas à exibição das suas tramas, é consolidada e tem um público fiel que sempre está atento aos horários das 18h, 19h e 21h.

Ainda que mantenhamos as telenovelas como parte do cotidiano dos brasileiros, precisamos analisar e questionar: quantas vezes foram dadas oportunidades ao povo preto para que eles estivessem dentro e fora do âmbito audiovisual em todos esses anos? Desse modo, é correto afirmar:

A representação dos atores negros tem sofrido uma lenta mudança desde a década de 60, quando somente atuavam interpretando afro-brasileiros em situações de total subalternidade. Naquela década, a mulher negra era representada regularmente como escrava e empregada doméstica, encaixando-se na reedição de estereótipos comuns ao

cinema e à televisão norte-americanos, como as *mammies*. (ARAÚJO, 2008, p. 980)

Com a afirmação de Araújo (2008), fica claro que os avanços da representatividade negra são poucos e muito ainda se precisa fazer para que de fato tenhamos uma democracia racial na televisão. Parte disso, é recorrente do racismo predominante na sociedade brasileira que insistem em não reconhecer as pessoas pretas como merecedoras de estarem em determinados lugares e parte disso, vemos exposto nas telenovelas, como no caso de Helena. O autor sequer tratou o assunto racismo dentro da trama, ou seja, a personagem que era sem identidade, poderia ter sido interpretada por qualquer atriz branca. Dessa forma, é correto dizer:

Um dos aspectos mais surpreendentes de nossa sociedade é o fato de a ausência de identidade racial ou confusão racial reinante ser aceita como dado de nossa natureza. Quando muito, à guisa de explicação, atribui-se à larga miscigenação aqui ocorrida a incapacidade que demonstramos de nos auto classificar racialmente. (CARNEIRO, 2019, p. 58)

Mesmo com os avanços de combate ao racismo, por que ainda existe resistência em se ter na televisão protagonistas negros? Para Almeida (2019) “O racismo é uma imoralidade e também um crime que exige que aqueles que o praticam sejam devidamente responsabilizados, disso estamos convictos.” Dessa forma, por mais que alguém tenha uma carreira consolidada a de Taís Araújo, um personagem escrito de forma errada e o racismo presente na sociedade brasileira, pode colocar a carreira de alguém a perder.

O debate diante da discussão acerca de raça e gênero se faz preciso nessa pesquisa, pois o Brasil apesar dos pequenos avanços diante de uma sociedade escravocrata e racista, pouco fez para que o povo preto tivesse o mínimo de dignidade diante do audiovisual nacional. Dito isso, a interseccionalidade abre um ponto de reflexão perante os amantes das novelas. Para Akotirene (2019, p. 48) “A interseccionalidade é sobre a identidade da qual participa o racismo interceptado por outras estruturas.”

O tópico a seguir mostra como Penha foi importante na vida de Taís Araújo e faremos um comparativo da relação que ambas mantinham com o restante do núcleo, como o racismo estrutural presente no Brasil moldou as personagens e de que forma a falta de representatividade negra pode afetar um papel, ainda mais sendo ele um protagonista.

Penha como empregada doméstica é a “superação” de Helena?

É possível identificar a discrepância entre Helena e Penha. Não só pelas questões sociais, mas ao que foi apresentado a própria audiência. Por que a Helena independente e rica não foi aceita pelo público, mas a Penha que é pobre e mora em uma comunidade foi? Ambas possuíam carisma, faziam o que podiam para ajudar o outro e eram mulheres que batalharam muito para conquistar o seu espaço. No entanto, é digno de nota dizer que os negros na história das telenovelas sempre foram vistos como subalternos, pessoas que não têm história e que estão ali apenas para cumprir o papel de servir. Para Fulgêncio (2007 p. 3) “Diante desse poder da mídia, é perceptível que a identidade negra na teledramaturgia foi construída de forma quase sempre estigmatizada, por meio de personagens subalternos ou estereotipados.”

Há de se levar em consideração o seguinte ponderamento: Penha como a empregada doméstica de *Cheias de Charme* foi a superação para o fracasso da Helena modelo de *Viver a Vida*? Essa indagação nos faz refletir o fato de que ver uma mulher negra como empregada já é um lugar esperado pela sociedade, ainda mais em se tratando de telenovelas brasileiras, enquanto que enxergar uma mulher negra rica e fazendo sucesso mundialmente como modelo precisa-se explicar o motivo de ela ter chegado até aquele patamar. Em *Cheias de Charme* Penha também fica rica ao se tornar uma cantora famosa e de sucesso – o que explicaria de onde viria tanto dinheiro – enquanto que para Helena, ela já surge no primeiro capítulo informando em uma entrevista que deu uma pousada de presente para sua mãe. Todos esses fatos estão ligados ao racismo estrutural que obriga as pessoas negras a terem que explicar o motivo de terem o que têm. Diante disso, Almeida (2019) deixa explicitado o lugar onde as pessoas negras ocuparam por anos nessas obras audiovisuais:

O racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. Após anos vendo telenovelas brasileiras, um indivíduo vai acabar se convencendo de que mulheres negras têm uma vocação natural para o trabalho doméstico, que a personalidade de homens negros oscila invariavelmente entre criminosos e pessoas profundamente ingênuas, ou que homens brancos sempre têm personalidades complexas e são líderes natos, meticolosos e racionais em suas ações. E a escola reforça todas essas percepções ao apresentar um mundo em que negros e negras não têm muitas contribuições importantes para a história, literatura, ciência e afins,

resumindo-se a comemorar a própria libertação graças à bondade de brancos conscientes. [...] Então, não estariam os programas de televisão, as capas de revistas e os currículos escolares somente retratando o que de fato é a realidade? Na verdade, o que nos é apresentado não é a realidade, mas uma representação do imaginário social acerca de pessoas negras. A ideologia, portanto, não é uma representação da realidade material, das relações concretas, mas a representação da relação que temos com essas relações concretas. (ALMEIDA, 2019. p. 41-42)

Dito isso, a aceitação de Penha não está atrelada a telenovela em si, mas no conjunto do que foi apresentado durante a trama: pessoas populares, que pegam condução todos os dias, uma comunidade no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro e inter-relações dos problemas que acontecem no dia a dia dessas pessoas fizeram de *Cheias de Charme* o destaque e o sucesso daquele ano na faixa das dezenove horas⁶. Já o fator crucial para a rejeição de Helena foi o racismo estrutural de uma sociedade racista que jamais aceitou que pessoas pretas conseguissem algo além do que foi lhes dado ao longo de muitos anos: papéis de empregados de pessoas brancas. Indo de encontro ao que era conveniente a grande parte da população, a personagem caiu no desgosto do público, mas não por falta de talento da sua interpretadora, mas pela falta de oportunidade que não foi dada a outros artistas negros no decorrer dos anos. Algo que contribuiu ainda mais para a não aceitação de Helena era o moralismo presente na personagem que a acompanhava constantemente, pois ela apesar de estar em ascensão profissional, ser requisitada e ter sucesso, sonhava em casa, e ter filhos, o que pode ter ido de encontro com o perfil que ela deveria aparentar ter. Por isso, é correto afirmar:

A moralidade, de fundo religioso, também foi marcante em *Viver a Vida*. Podemos avaliar a história de Helena como carregada por esse moralismo. A personagem foi julgada pela prática de aborto ao longo da trama, acusada de criminosa e única responsável pelo filho indesejado, e se puniu por isso. “Uma mulher que faz aborto, Luciana, carrega isso pra sempre (aponta para o ventre e depois para a cabeça), não esquece, não esquece, morre sem esquecer!”. Essa passagem, que se expressa em uma briga entre Luciana e Helena, revela o peso que Helena carrega, fruto da própria criminalização do aborto, o julgamento moral e religioso que é feito em torno dessa escolha, restando à mulher nessas condições o aborto clandestino ou a maternidade compulsória. (MALTA E OLIVEIRA, 2020. p. 175)

⁶ Há 10 anos, Globo estreava *Cheias de Charme*, reconquistava classe C e marcava época. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/novelas/2022/04/16/ha-10-anos-globo-estreava-cheias-de-charme-reconquistava-classe-c-e-marcava-epoca-180166.php>. Acesso em: 15 jul. 2023.

A falta de representatividade negra ligada ao fato das pessoas apenas não enxergarem os negros no âmbito audiovisual e quando o fazem é repleto de julgamentos, contribui diretamente para o racismo presente no Brasil. Mesmo com os avanços perante o aumento de pessoas negras na televisão e a diminuição de papéis de subalternidade vividos por esses, ainda é preciso combatê-lo cada vez mais, introduzindo pessoas pretas não só na frente das câmeras, mas principalmente por trás delas.

Considerações finais

A telenovela tem grande importância como objeto na escolha deste artigo, pois é o produto mais consumido diariamente no Brasil perante a mídia televisiva. É de fácil compreensão que essas obras audiovisuais conseguem elencar questões sociais, algo que se precisa falar constantemente já que faz parte da nossa sociedade.

Taís Araújo conseguiu fazer das críticas um aprendizado que lhe garantiu uma experiência maior no que se diz respeito a ser protagonista de uma telenovela. A responsabilidade de estar no maior veículo de comunicação do País em um papel que seria o sonho da sua carreira lhe fez refletir se o que ela escolheu como ofício foi verdadeiramente correto, mesmo diante das experiências anteriores. Ela se culpou por anos por algo que não foi da sua responsabilidade, mas o racismo estrutural tão presente na sociedade a fez questionar seu próprio talento como profissional. Mulheres negras estão sempre na linha de frente do julgamento das pessoas, principalmente se for para lhes ditar regras, e dizer a qual lugar ela pertence.

Abordar esse trabalho traz a importância para realizarmos uma análise sobre racismo no âmbito audiovisual nacional, focando e analisando em personagens de novelas que estão presentes no nosso cotidiano, sobretudo quando uma mesma atriz interpreta personagens não tão diferentes e que, enquanto uma foi rejeitada pelo público, a outra foi aclamada. Contribuir para acometer um problema da nossa sociedade contemporânea e falar abertamente sobre isso, predispõe de uma maior compreensão por parte de todos. Diante disso, a discussão desse estudo evidencia o combate ao racismo presente nas telenovelas brasileiras com maior veemência e abre uma oportunidade para que se haja um maior entendimento sobre esse assunto.

Por isso, é importante que se tenham mais personagens negros com um protagonismo que lhes façam ser representados por seus telespectadores. Aos poucos, o

povo preto vai conquistando seu espaço dentro da teledramaturgia nacional, mas ainda há muito o que se fazer. Diante disso, Sodré afirma:

Na televisão, vale o que está filmado. É a minha ideia do bios virtual e do bios midiático. Se pensarmos na televisão como outra vida e na novela como parte dessa outra vida que é o bios midiático, vamos ver que esse bios muda também, ele evolui. A representação vai chegar ao horário nobre. Não é tanto a sociedade, mas o anunciante que não quer colar, em alguns casos, o material dele e seu anúncio ao negro. Há um choque, sim, porque são duas formas de vida diferentes, é a vida do real histórico e a vida do bios midiático. O sistema lança sua sombra sobre o outro, mas esse outro progride. (SODRÉ, 2014, p. 8)

Diante disso, é importante frisar que as telenovelas fazem parte do reflexo da sociedade, não só dentro do ambiente novelesco, mas o que ele transmite fora dele. Trazer artistas negros para dentro e fora do audiovisual nacional implicará na importância de abordar assuntos relevantes e que essas pessoas tenham conhecimento. Assim, futuramente poderemos ter uma equidade racial no Brasil.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo; Polén, 2019.

ARAÚJO, Joel Zito. O negro na dramaturgia: um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(3): 424, p. 979-985, set./dez. 2008. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ref/a/9ZGKYRnVx8rmgZDYs6NBrVv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 jul. 2023.

_____. A força de um desejo: a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual., **Revista USP**, n. 69, p. 72-79, maio/2006. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13514>. Acesso em: 20. jul. 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

DOMINGUES, Meire Patrícia. Mulheres negras fictícias e reais: manifestações racistas em ambiente midiático: das mulheres negras fictícias às reais. **Media, Informação e Literacia**. In: SIMÕES, Rita Basílio de., MARQUES, Maria Beariz., FIGUEIRA, João. (Org). Imprensa da Universidade de Coimbra. Junho, 2020. Disponível em:
https://www.researchgate.net/profile/Gabriela-Ojeda-Romano/publication/344202721_Exploratory_Case_Study_of_Scientific_literacy_in_undergraduate_students/links/5f5b4f45299bf1d43cf9a8f6/Exploratory-Case-Study-of-Scientific-literacy-in-undergraduate-students.pdf#page=193. Acesso em: 20. jul. 2023.

FULGÊNCIO, Caio Nélio de Freitas. Da Cor do Pecado: uma análise da construção da identidade negra na telenovela da Rede Globo. **Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e**

Cultura, ISSN: 2358-212X, v. 6, n. 2, dez. 2017. Disponível em:
<https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/744>. Acesso em: 14 jul. 2023.

MALTA, Renata Barreto, OLIVEIRA, Laila Thaise Batista de., A Construção de Raça e Gênero nas Personagens de Taís Araújo. **ECCOM**, v. 11, n. 21, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/7484>. Acesso em: 20. jul. 2023.

OLIVEIRA, Denis de; PAVAN, Maria Angela. Identidades e estratégias nas relações étnicas na telenovela “Da Cor do Pecado”. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Porto Alegre, RS - de 30 de agosto a 3 de setembro de 2004. **Anais [...]** Porto Alegre: Intercom, 2004. Disponível em:
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/136195056859323442706365996831733950548.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2023.

PORTAL MEMÓRIA GLOBO. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/>. Acesso em: 13. jul. 2023.

ROSE, Diana. Análise de Imagens em Movimento. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. (org). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. A comunicação não é um sistema de linguagem, e sim um sistema de organização do comum. Entrevista concedida a Eduardo Granja Coutinho, Eduardo Yuji, Gabriela Nora, João Freire Filho, Nemézio Filho, Pablo Laignier e Zilda Martins. **Revista Ecopós**, Comunicação e Gosto, V. 17, N. 3, P. 1 – 12, dezembro/2014. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/download/1773/pdf_55/2986. Acesso em: 20. jul. 2023.